

A QUEDA DE ÍCARO

CASA DO
PEPE

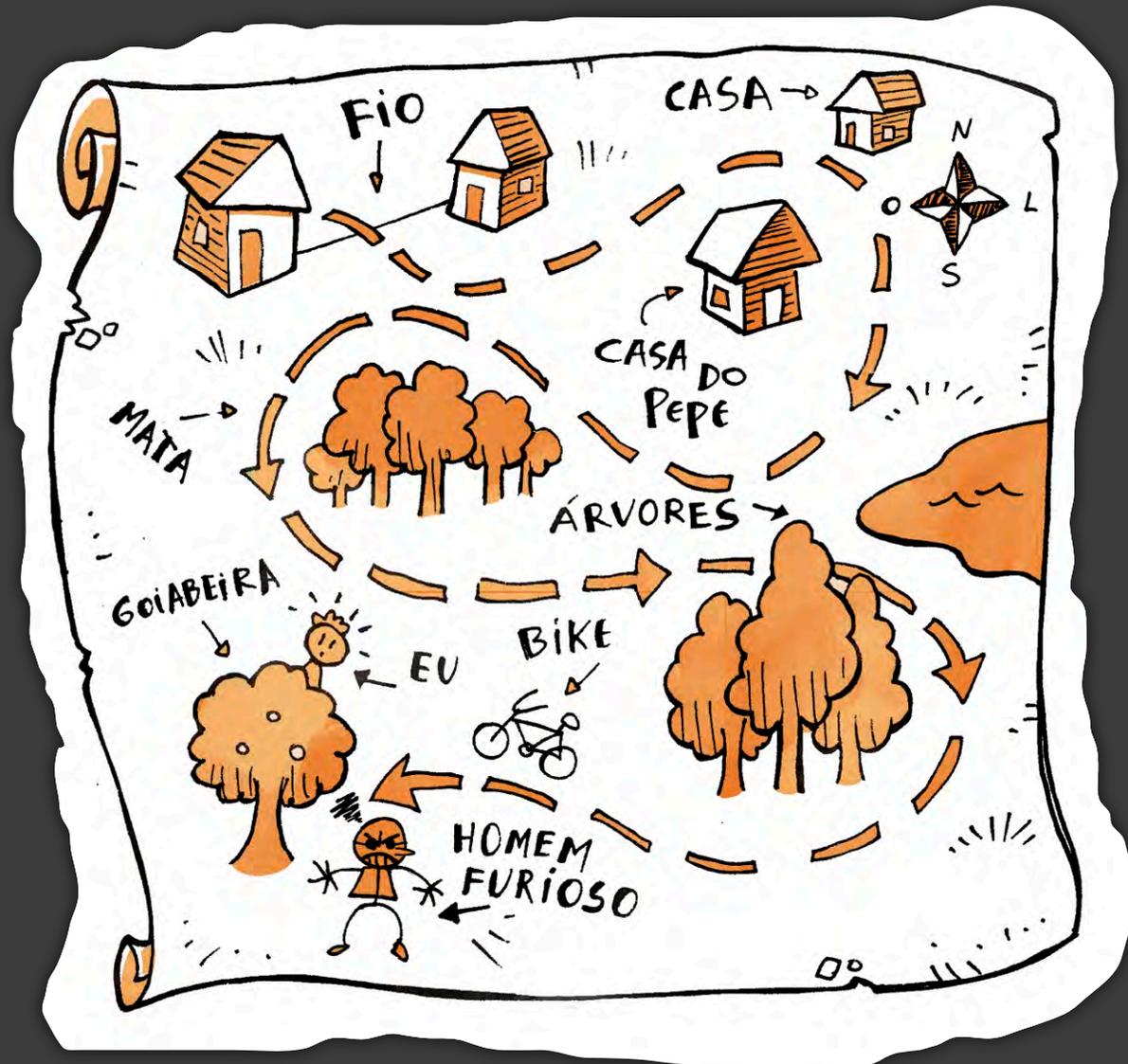
ÁRVORES

BIKE

EU

HOMEM
FURIOSO

Texto de BRUNO RICARDO GESSNER
Ilustrações de DIOGO MEDEIROS





A QUEDA DE ÍCARO

Texto de **BRUNO RICARDO GESSNER**
Ilustrações de **DIOGO MEDEIROS**

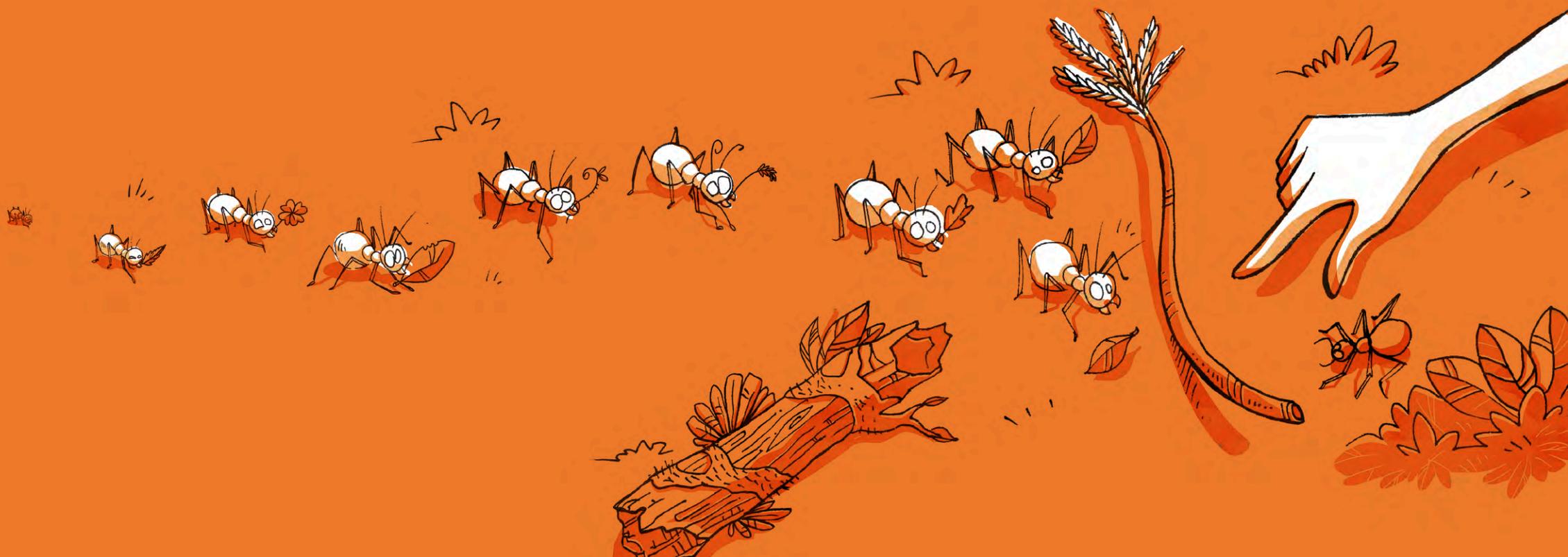
A tarde era morna e abafada. O sol se escondia por detrás das nuvens. Era um dia como outro qualquer. Ícaro e Pepe nada faziam. O nome de Pepe era na verdade Hermes, mas Ícaro o chamava por seu apelido, pois era assim que, sabe-se lá por que razão, seus pais também o chamavam.

Procurando algo com que passar o tempo, sentados à beira da calçada, mascando cada um o seu ramo de capim, com as mãos juntavam um punhado de terra do chão, apenas para senti-la se esvair, escorregando por entre seus dedos, como uma ampulheta sem fundo, onde o tempo que por ela escorre não volta mais.



Próximo aos dois, um grupo de formigas seguia a sua trilha. De onde vinham, para onde iam, ou o que estavam fazendo, nem Ícaro nem Pepe o sabiam, ou tampouco tinham interesse em saber.

Vendo-as tão ordenadas, focadas em seu intuito de ir de um lugar qualquer para lugar nenhum, Ícaro resolveu usar seu ramo de capim para interpor o caminho daqueles pequenos seres, fazendo com que o grupo anterior à obstrução ficasse totalmente desordenado, sem nenhuma orientação aparente.

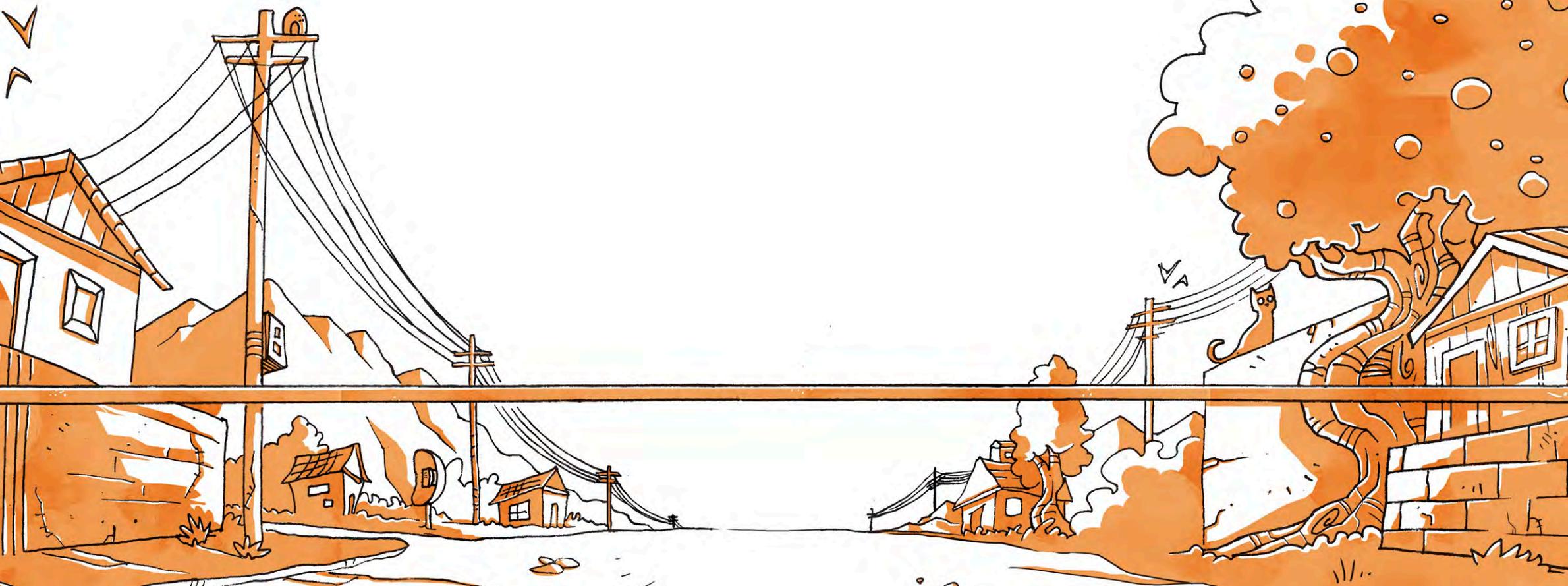


Os dois meninos riam aos baldes, sentindo-se deuses, como Poseidon brincando com seus peixinhos no aquário, ou Cronos manipulando as areias do tempo. Aquele riso nefasto, todavia, parece ter ativado o raciocínio matreiro de Pepe. Lembrou-se de que seu avô havia comprado um rolo de linha de pesca nova alguns dias atrás. Teve, então, uma simples – mas estupenda – ideia. Essa ideia consistia em amarrar a linha de pesca em um dos vãos do muro de tijolos à vista de sua casa até a grade do portão da casa em frente, para “pegar uns desavisados”, como ele mesmo disse a Ícaro – jamais subestime a capacidade criativa, para o bem ou para o mal, de uma criança desocupada o bastante e com ferramentas suficientes.



A rua em que os dois meninos moravam, fora a presença dos dois, era bastante tranquila. Possuía apenas residências, além de não ser muito extensa, tornando quase improvável a passagem de algum veículo e um possível rompimento da linha. Além do mais, era sábado, e de qualquer forma, a linha foi posta de modo que mantivesse certa folga, ficando suspensa em torno de dez centímetros do chão.

Terminada a preparação, os dois esconderam-se atrás do enorme cipreste no quintal da casa de Pepe. Ícaro parecia apreensivo, não muito entusiasmado com aquela brincadeira. Mas seus doze anos impediam uma maior reflexão sobre o que poderia suceder de tal feita, deixando-se então levar pelo espírito livre de Pepe.



Não tardou para que alguns passantes surgissem. Uma família, aparentemente os pais passeando com seus dois filhos, foram as primeiras vítimas.

Incrivelmente não só não se limitaram, como, inclusive, após passarem por cima da armadilha sem qualquer esforço, acharam graça quando um de seus filhos, o menor deles, tentou puxar a linha. Quem não achou graça alguma foi Pepe, que pulou o muro e pôs o menino para correr. Ao contínuo som das gargalhadas dos pais dos meninos juntou-se Ícaro, com seu riso meio asmático, meio anasalado.

Passados mais ou menos dez minutos, durante os quais Pepe explicou a Ícaro que seu avô o mataria se algo acontecesse à sua linha de pesca nova, eis que aparece a próxima vítima.



Um homem magro, próximo dos quarenta anos, com a camisa desabotoada e óculos de sol. Provavelmente por causa desses mesmos óculos escuros ele sequer se apercebeu da linha, que era consideravelmente visível em condições normais. Primeiro foi o seu pé esquerdo que engatou no fio. Ao tentar recuperar o equilíbrio com o pé direito, que também acabou por ficar engatado, estatelou-se no chão.

Seus óculos voaram, espatifando-se alguns metros à frente. Enquanto tentava se desvencilhar da linha, ouviu um curioso ruído que parecia vir próximo dali. Um som rouco, quase gutural. Era Ícaro, tentando conter o riso.



Quando perceberam que haviam sido descobertos, os dois meninos desataram a rir. Ícaro parecendo ter uma crise de falta de ar, rindo para dentro, e Pepe, com seu riso estrondoso e agudo.

Ao notar que fora vítima de uma armadilha, o homem levantou-se enfurecido. Foi apenas então que os meninos se viram em apuros. O choque da súbita adrenalina como que os despertou da letargia prazenteira do riso.

Pepe apenas correu para os fundos da casa, protegendo-se sob a redoma de seu lar, sabendo que o homem ali não ousaria pôr os pés. Mas Ícaro, ao lembrar-se de que sua bicicleta estava do lado de fora do pátio, encostada junto ao muro, não pensou duas vezes: montou nela e pedalou o mais que pode, obviamente na rota contrária à do homem furioso. Por conta de sua natureza mais insegura que a de seu amigo, achou que não seria uma boa ideia parar em sua casa, no início daquela mesma rua, com medo de que o homem soubesse onde mora.





Passou em frente à sua casa e seguiu reto – ou melhor, virou à direita, pois se fosse reto iria parar no fundo do rio que costeava a rua principal.

Após dobrar a esquina, arfante, imaginando ter despistado seu algoz, foi diminuindo o ritmo para recuperar o fôlego, até parar. Apoiou o pé esquerdo no chão, mantendo o outro pé sobre o pedal, olhou para trás para certificar-se livre de seu perseguidor, apenas para constatar que não estava.

O homem parecia possesso, uma locomotiva correndo a todo vapor em seu encalço.

Com o novo susto e outra injeção de adrenalina, Ícaro teve então de embalar-se novamente em sua bicicleta. A uns cem metros adiante ficava a rua que dava para os fundos da que os dois meninos moravam. Era uma rua com apenas uma casa, bem ao final, e por toda sua extensão havia muito mato e muitas árvores.



Ícaro não pensou duas vezes e embrenhou-se ali. Deitou

sua bicicleta fora do alcance das vistas de quem passa na rua, em meio à mata, e correu em direção às árvores. Subiu em goiabeira, como se por instinto, pois era a mesma em que sempre subia para colher goiabas. Depois de algumas braçadas e pernadas galgando a árvore acima, subiu até o mais alto galho que imaginou poder suportar seu peso.

Do topo da árvore Ícaro ouvia rumores vindos não muito longe dali. Era comum as crianças que moravam nas redondezas se embrenharem naquela mata para brincar de esconde-esconde, pega-pega ou construir cabanas.

Lá do topo, Ícaro tentava observar a entrada da mata. Sendo ela extremamente densa. Porém, não foi capaz de perceber que o homem que o perseguia ali havia adentrado. Para este, não foi difícil imaginar que o menino estava ali por perto, tamanha foi a deformação que sua bicicleta fez no mato ao ser jogada a esmo. Ele apenas seguia a trilha, mesmo que estreita, mas bem demarcada, formada pelas inúmeras crianças que, antes dele, cruzavam tantas e tantas vezes.

A passos lentos, o homem parecia adivinhar que o menino estava por perto, e aos poucos foi avançando em direção às árvores. Do alto da árvore, quando enfim se deu conta de que o homem se aproximava soltando fogo pelas ventas, com a respiração ofegante, seja pelo cansaço



da corrida ou pela ânsia de capturá-lo, Ícaro teve, pela primeira vez, real noção de que estava em perigo. Não conseguia nem imaginar o que poderia acontecer caso fosse pego. Controlando, por sua vez, a própria respiração, Ícaro nem se movia. O tempo parecia ter parado.

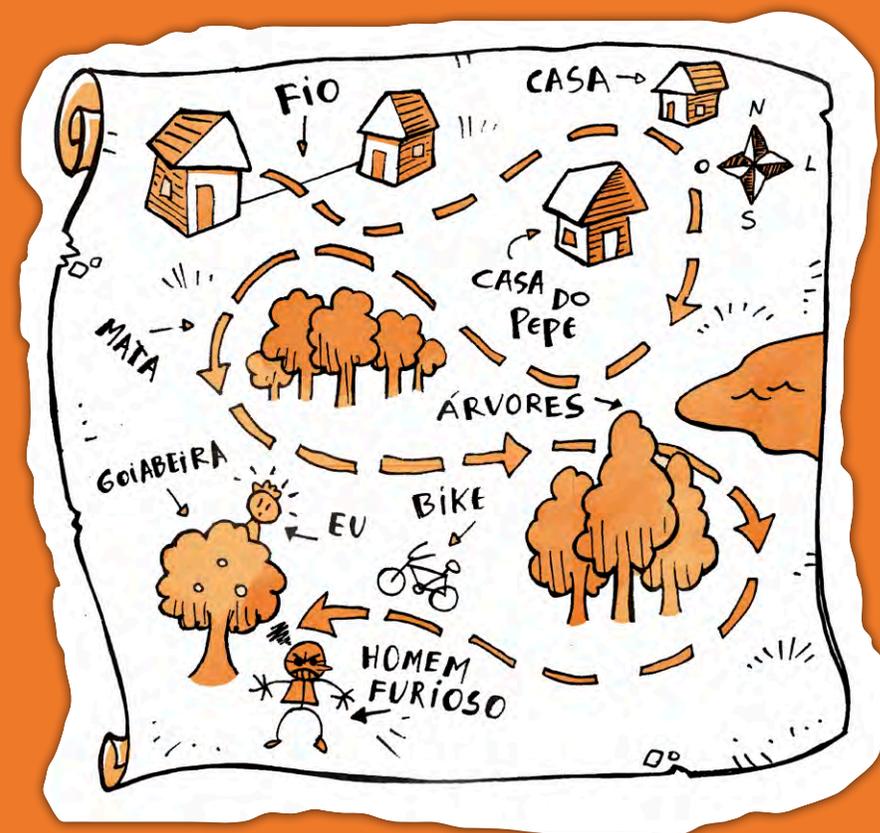
Na suspensão do tempo e do espaço, Ícaro sentiu um leve estremecimento, como que um sutil abalo na árvore. No exato instante em que o homem passou por debaixo da goiabeira ouviu-se um estalo. O galho em que o menino estava sentado se partiu. Mal teve o homem tempo de olhar para cima, em direção ao barulho, e o menino lhe caiu sobre a cabeça.

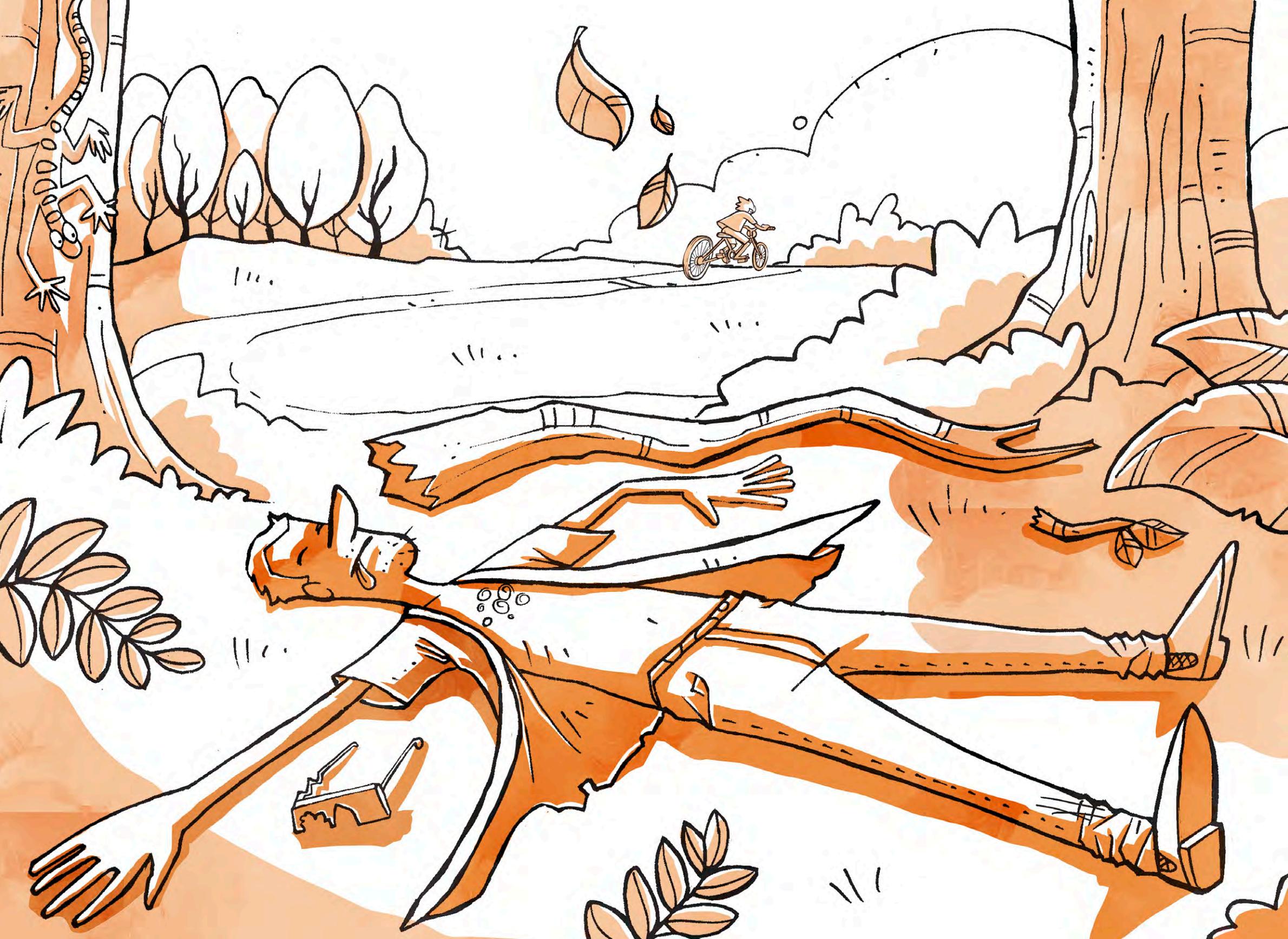
Quando deu por si, ao ver que seu implacável perseguidor não se mexia, em um misto de sensações extremas, Ícaro não soube o que fazer. Olhava assustado aquele corpo imóvel, logo imaginando o pior – ou seria o melhor?

Ao perceber que as vozes das crianças que brincavam na floresta pareciam se aproximar, avaliou as duas únicas opções possíveis a

serem tomadas: escafeder-se dali ou pedir ajuda. Não precisou de mais que uma fração de segundo para decidir-se pela primeira, achando-a mais racional.

E, então, Ícaro correu. Saiu da mata, pegou sua bicicleta em meio ao mato, montou nela e saiu em desabalada carreira.





No caminho à sua casa, ia pensando em tudo o que acontecera. Imaginava-se sendo interrogado pela polícia, depois sendo preso, ficando velho, enjaulado, sem nunca mais poder brincar... E tudo isso apenas por diversão.

Ao virar a esquina, chegando próximo à sua casa, viu que Pepe o esperava empoleirado em cima do muro. Este, vendo que seu amigo parecia bastante assustado, além de respirar com dificuldade, perguntou-lhe o que aconteceu.

“Nada. Dei a volta na quadra para despistar aquele homem”, respondeu Ícaro, procurando evitar maiores detalhes de seu infortúnio. “E a linha de pesca do seu pai?”, emendou, tentando mudar de assunto.

“Está lá em casa, eu guardei”, replicou Pepe. “Então, vamos brincar de quê, agora?”, perguntou em seguida, como se absolutamente nada houvesse acontecido.

E assim fizeram. Passaram algumas boas horas daquela tarde na casa de Ícaro brincando com seus bloquinhos de montar. Enquanto este adorava montar casas, prédios, fortalezas e todo e qualquer tipo de construção imaginável, Pepe preferia construir aeronaves dos mais variados formatos,



desde aviões, helicópteros e até mesmo discos voadores – ele não se fartava de contar o episódio em que disse ter visto um objeto luminoso pousar na mata, ali próxima a casa deles. Ao ter ouvido essa estória pela enésima vez, Ícaro estremeceu. Lembrou-se do que ocorrera nessa mesma mata há poucas horas e teve calafrios.

No silêncio daquela lembrança incômoda, notou que da rua vinha um burburinho. Os dois olharam através da janela da sala na qual brincavam, que ficava de frente para a rua, e viram vários meninos ali reunidos.

“Vamos lá brincar com eles!”, disse Pepe, entusiasmado.

“Está bem, mas me ajude primeiro a juntar os brinquedos e...”.

Ícaro não teve sequer tempo para concluir a frase. Pepe saiu correndo. Teve então de guardar tudo sozinho. Ao ver mais uma vez o disco voador que seu amigo havia montado, lembrou-se da mata.



Tamanho foi o pavor que sentiu, que acabou por esmagar e desmanchar o brinquedo, transformando-o em pequenos amontoados de peças disformes, inconscientemente desejando poder fazer o mesmo com o enorme peso que carregava em sua cabeça.

Terminada a tarefa de guardar tudo, Ícaro foi até à rua, onde estavam todos os meninos reunidos, imaginando que brincar ao ar livre poderia distraí-lo um pouco. Ao se aproximar, porém, viu que não brincavam. Pareciam estar discutindo, mas na verdade era uma conversa exaltada. Especialmente um dos meninos, o qual Ícaro conhecia apenas de vista, nunca brincou com ele, pois morava em outra rua. Ícaro perguntou o que estava acontecendo.

“Um morto!”, disse o menino assustado.

Ícaro gelou, do calcanhar ao cocuruto.

“Ele afirma que viu um homem morto na mata da rua de trás”, emendou outro menino.

“Será que não foram os ETs devolvendo uma pessoa abduzida?”, perguntou com aparente sinceridade Pepe.

Apesar de assustado, o menino parecia empolgado com a ideia de ter visto um morto em meio à mata. Os outros meninos pareciam bastante interessados, mas desconfiavam da veracidade dos fatos. Em meio a acalorada conversa, todos decidiram por acompanhar o menino, que dizia poder provar-lhes que falava a verdade. Todos menos um deles, claro. Seria escusado dizer que esse menino era Ícaro, cujo rosto branco, cor de cera, passou para vermelho abrasado ao ser questionado pelo resto do grupo porque não queria se juntar a eles na busca pelo corpo.

“Daqui a pouco tenho que jantar”, foi a resposta que Ícaro conseguiu dar. “Meus pais se irritam se não estou em casa na hora do jantar”.





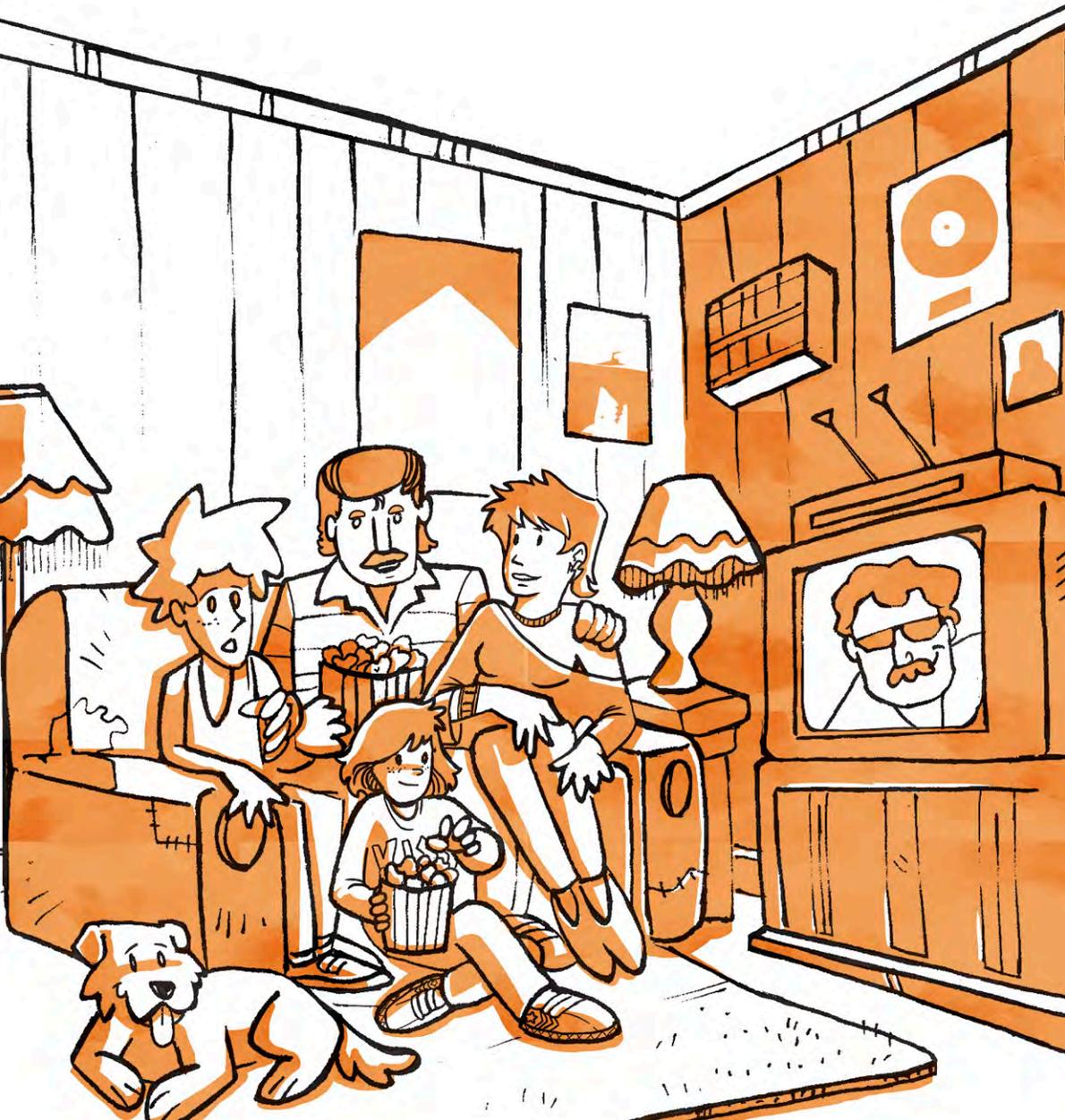
“VOCÊ É UM MEDROSO, ISSO SIM!”, disse com desdém o menino que instigava a dúvida no grupo, mas que também parecia ser o mais entusiasmado em ver o possível corpo.

Ser chamado de medroso não incomodava Ícaro nem um pouco. Tinha plena ciência de sua falta de coragem. E além do mais, tinha maiores problemas para se preocupar naquele instante. Deixou o grupo seguir com seu projeto e voltou para casa. À noite, durante o jantar, seus pais nada notaram de diferente no filho, que, aliás, era reservado por natureza.

Mais tarde, enquanto lia uma revista em quadrinho em seu quarto, sua mãe o convidou para assistir a um filme na sala com o restante da família. Ícaro sentou-se no sofá, ao lado de sua irmã mais nova, pensando ser essa uma ótima maneira de esquecer as desventuras pelas quais passou naquela tarde.

Assim que na tela surgiu o título do filme, quase não pôde acreditar no que via. O filme se chamava “Um Morto Muito Louco”. Não fazia ideia do que tratava o filme, mas o simples fato de seu título se referir a alguém morto, e, mais que isso, um morto muito louco, exatamente igual ao homem que o perseguiu naquela tarde e que ele havia matado, o deixou apavorado.

Tamanho foi o susto que Ícaro se sobressaltou e se levantou do sofá num pulo. Quando saía da sala, sua mãe perguntou aonde ia.



“Vou dormir”, respondeu Ícaro, fingindo um bocejo.

“Mas o filme acabou de começar!”, retrucou sua mãe.

“Lembrei que já assisti a esse filme”, mentiu Ícaro.

Sua mãe deu de ombros e continuou assistindo.

Cansado do jeito que estava, mesmo amedrontado, não tardou a adormecer.

Em meio ao sono, parecia ouvir ao longe risos e gargalhadas. Suava frio. Estava escuro, havia uma neblina estranhamente densa, como ele nunca havia visto senão em filmes. Não fazia a mínima ideia de onde estava, nem que lugar era aquele. Avistou um grupo de crianças logo à frente, que pareciam reunidas em torno de algo.

Ao chegar perto, percebeu que eram seus amigos. Fez lugar para passar entre eles, e viu que estavam todos admirando assustados o corpo de um homem estirado no chão, aparentemente morto. Quando,

de súbito, o defunto se levantou e, sem abrir os olhos, começou a rir de forma estrondosa e amedrontadora. Seus amigos também começaram a rir, tão alto quanto o morto, e todos se voltaram para ele. Ícaro, assustado em extremo, se abaixou e, de olhos fechados, pôs os braços em volta da cabeça, como que para se proteger. Mas o som das gargalhadas era cada vez maior, chegando a ponto de ser quase ensurdecedor. Continuava de olhos fechados e, ainda agachado, tapava seus ouvidos com as mãos. Mas nada parecia adiantar. A imagem do morto e de seus amigos fazendo troça dele não saía de seus olhos, mesmo mantendo-os fechados. O som retumbante das gargalhadas continuava a reverberar em sua cabeça, mesmo com os ouvidos tapados.

Sua agonia era tanta que, em vista dos infrutíferos esforços para se livrar daquele infortúnio, Ícaro decidiu bruscamente abrir os olhos, tirar as mãos dos ouvidos e levantar face, de repente e ao mesmo tempo, não como forma de enfrentar seus medos, mas sim desistindo de resistir a eles.





Acordou. Estava branco e tremia muito. O suor escorria pelo seu rosto feito cascata. Suas roupas e seu travesseiro estavam encharcados. Olhou pela janela e viu que já era dia, lavou seu rosto e foi à cozinha tomar seu café da manhã. Logo depois, enquanto ainda escovava os dentes, ouviu Pepe chamando-o para brincar na frente de sua casa. Ícaro foi até seu quarto, e, da janela, fez sinal para que Pepe esperasse, pois já estava indo.

Chegando à frente de sua casa, viu que Pepe parecia bastante animado. Ícaro logo descobriu o porquê: ele havia ganhado de seus avós um pacote de figurinhas novas, e estava louco para estreá-las. Pepe tanto

insistiu que Ícaro não teve outra opção senão voltar à sua casa e pegar suas próprias figurinhas para jogarem bafo.

Enquanto caminhavam em direção à casa de Pepe, ainda se sentindo inquieto, Ícaro perguntou ao amigo o que sucedera no dia anterior com o corpo.

“Era tudo mentira”, respondeu meio desapontado Pepe. “Além do mais”, continuou, “os ETs não iriam abduzir alguém e deixar o corpo jogado no meio do mato. Eles são muito mais espertos que a gente”.

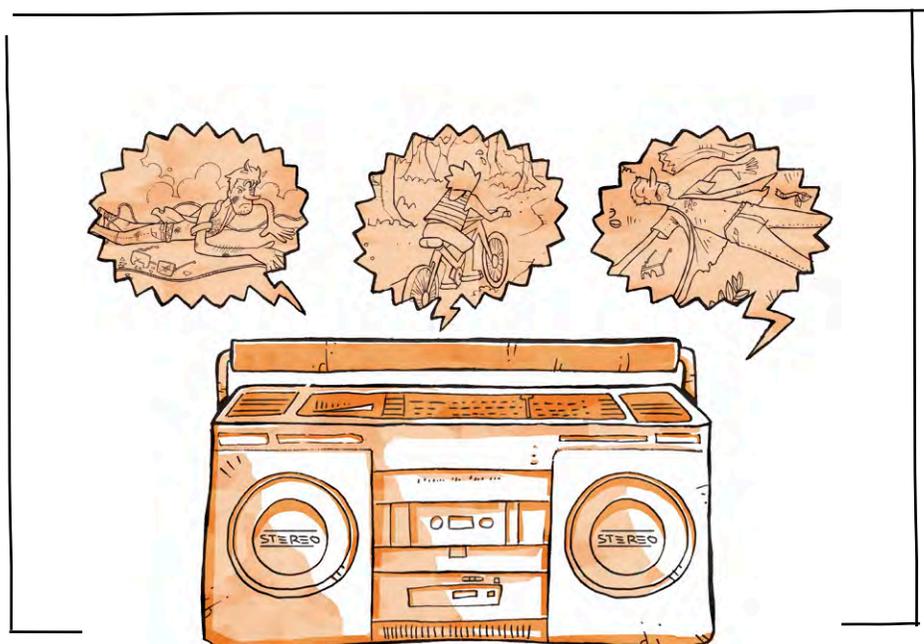
Ícaro suspirou, sentindo-se imensamente aliviado, livre do peso que carregava, como se Sísifo tivesse finalmente levado a pedra ao topo da montanha.

Chegando à casa de Pepe, este logo mostrou suas figurinhas novas a Ícaro. Juntaram as figurinhas de ambos, sentaram-se ao chão e começaram a jogar bafo.



Enquanto isso, os avós de Pepe estavam logo ali ao lado iniciando os preparativos para o almoço de domingo. Sua avó batia os ovos para fazer a maionese e seu avô já começava a botar o carvão na churrasqueira. O rádio, como era de costume, estava ligado.

Naquele tempo, como ainda o é em algumas cidades pequenas, era comum alguns ouvintes ligarem para a emissora pedindo que tocassem determinada música, desejando felicidades a algum aniversariante ou até mesmo apenas para fazer alguma reclamação.



E justo naquele instante ligava para a rádio um homem. Pelo seu tom de voz exaltado, podia-se deduzir que seu intuito era o de reclamar. E quanto mais o homem falava, mais se exaltava. Em meio àquele desabafo desenfreado, porém, Ícaro pôde captar algumas palavras. Ouviu o homem citar “crianças”, “armadilha”, “pé de goiaba”.

Foi o suficiente para que toda a apreensão que pensara haver se livrado voltasse de um só golpe. Poderia não ter cometido um homicídio nem ir para a cadeia, mas se seus pais descobrissem que estava envolvido nesse tipo de brincadeira seria o suficiente para no mínimo tomar uma boa bronca.

O locutor pediu calma ao ouvinte, e pediu para que explicasse o ocorrido com mais calma. E assim ele o fez.

O homem disse que passara apuros nas mãos de umas crianças atrevidas. Foi pego em uma armadilha preparada por elas na tarde do dia anterior. Não tendo conseguido ver onde se escondeu um dos meninos, ocupou-se do outro.

Correu atrás dele. Queria dar-lhe uma lição de moral. Quando viu o menino entrando na mata, imaginando que seria muito difícil encontrá-lo, pensou em apenas dar-lhe um susto e falar bem alto para que o menino o ouvisse dizendo que conhecia seus pais e que iria contar a eles o que estava aprontando.

Mas sequer teve tempo de pôr sua ideia em prática. Lembra-se apenas de ter ouvido um estalo e logo em seguida um forte impacto em sua cabeça, quando o menino lhe caiu sobre a cachola. Acordou algum tempo depois, porém, sem saber dizer exatamente durante quanto tempo permanecera desacordado, mas imaginou terem se passado alguns bons minutos, pois não havia sequer rastro do menino. Viu apenas um galho da goiabeira jogado ao canto e diversas goiabas caídas à sua volta.

Ícaro ouvia atento, tentando disfarçar sua inquietude. Pepe também ouvia, mas continuava brincando tranquilamente, pois sabia que nada aconteceria a ele – como nunca acontecia.



O homem continuou contando seu relato, aparentemente mais calmo. Tamanha foi a pancada em sua moleira, dizia ele, que, ao levantar-se ainda atordoado, não se lembrava nem como havia chegado em casa.

O radialista, a essa hora, soltou uma enorme gargalhada. Até mesmo o homem, talvez agora que tudo havia passado e já fizera seu desabafo, vendo sua infeliz situação por outro ponto de vista, também ria.

Os avós de Pepe riam aos borbotões, regozijando-se com o infortúnio daquele desafortunado homem.

Enquanto isso, os meninos continuavam a brincar, até que Ícaro, em um só movimento, virou todas as figurinhas, e exclamou lépido e risonho:

“GANHEI!”



INFÂNCIA NOS ANOS 80/90*

ENCONTRE NA IMAGEM ESTES OBJETOS QUE MARCARAM ÉPOCA:

- . POGOBOL
- . LUMINÁRIA LAVA
- . ATARI
- . DISCO DO MICHAEL JACKSON
- . POSTER DOS CAÇA-FANTASMAS
- . CARTUCHO DE JOGO
- . ANTENA DE TV
- . TOPO GIGIO
- . PEQUENO ENGENHEIRO
- . OLHO DE TANDERA
- . CUBO MÁGICO

*Se você não viveu nos anos 80/90, peça a ajuda de um adulto, e descubra mais sobre esses itens:)



QUANDO O TEMPO CABIA NO BOLSO DE TRÁS

por André Soltau e Gika Voigt

Já tentou guardar uma tarde inteira no bolso da bermuda? A gente fazia isso sem nem perceber. Era só ter um céu azul, um amigo com uma ideia maluca, algumas figurinhas e pronto: o tempo se encolhia, virava tesouro e morava dobrado ali, entre um elástico de dinheiro e um papel de bala de hortelã.

Ser criança no final dos anos 80 e começo dos 90 era como viver dentro de uma história em quadrinhos. Música se ouvia em rádio e os aparelhos de som eram quase do nosso tamanho. A televisão? Uma caixa mágica quadrada. Dela saíam heróis de capa e garotas que enfrentavam robôs com olhos vermelhos. Terminava o episódio, a gente virava o botão da imaginação e corria para salvar o mundo com uma toalha amarrada ao pescoço.

À tarde, os filmes nos ensinavam que qualquer quintal podia esconder um mapa do tesouro. A gente desenhava códigos secretos em folhas amassadas e acreditava com força: o baú estava ali, atrás do limoeiro.

Com jeans desbotado, camiseta de super-herói e um tênis que fugia da água, a gente usava cortes de cabelo que pareciam feitos com régua, e tudo bem. A rua era palco, pista de corrida, campo de batalha e picadeiro. Qualquer arranhão ganhava esparadrapo e status de cicatriz de guerra.

Nos aniversários, a música vinha de fitas chiadas, mas ninguém ligava. A gente dançava feito maluco. O bolo em camadas sumia em minutos, as balas decoravam a festa - enroladas em papel com franja - e canudinho era o nome de uma casquinha salgada recheada de maionese de batata ou patê de sardinha.

Ir à locadora era passeio de gala. Escolher uma fita VHS com capa chamativa era quase um evento. Torcer pra fita não ser engolida era parte do suspense. E quando era... bem, a gente dava um jeito.

Na escola, o recreio era uma feira mágica: figurinhas de jogar bafo, adesivos, coleção de papel de carta, jogo de elástico e confete de risadas. E nas férias, o tempo se multiplicava: tinha gosto de fruta do pé e som de vento no rosto.

Era um tempo com menos tela e mais céu. E o tempo mesmo - esse arteiro - morava ali, no bolso de trás da bermuda, guardando tudo o que a gente ainda não sabia que nunca ia esquecer.



O AUTOR

BRUNO RICARDO GESSNER nasceu e cresceu nas ruas tranquilas de Jaraguá do Sul. Passou a maior parte de sua infância subindo em pés de goiaba, pedalando em sua bicicleta, construindo mundos em bloquinhos de montar e mergulhado no universo dos gibis. Alguns anos se passaram, e hoje, com menos fios de cabelo e mais livros na cabeça, Bruno se considera um sonhador. Acredita que através da leitura e do senso crítico se constrói uma sociedade mais justa e igual.



O ILUSTRADOR



Nascido em Brasília, **DIOGO MEDEIROS** passou sua infância em Curitiba, nas feirinhas de domingo, no Largo da Ordem, em gibitecas e bancas de revistas. Cresceu entre amigos, brincadeiras, desenhos e aulas de capoeira, nos arredores do Teatro Guaíra. Nas ruas da cidade conheceu o grafite e a cultura hip hop. Essas influências moldaram profundamente sua visão de mundo e seu trabalho artístico. Atualmente, Diogo reside em Palhoça, Santa Catarina, onde compartilha sua vida com a esposa Sabrina, os gatos e os cachorros, cercado por uma vasta coleção de livros e gibis. Apaixonado por praia, sol e mar, ele leciona artes e desenho para crianças, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Praticante de jiu-jitsu, Diogo mantém uma filosofia que se tornou seu mantra diário: Faça uma arte por dia e mantenha uma vida sadia!

Nossas identidades são compostas por nossas personalidades, valores, objetivos, e pelo que pensamos, sentimos e experienciamos. Em *A Queda de Ícaro*, Bruno Ricardo Gessner transforma uma casualidade em conflito. No universo de Ícaro, uma experiência – a princípio – angustiante resulta num desfecho leve. O escritor mostra que compreender a adolescência é também dar sentido às experiências fantasiosas, rompendo com o que parece ser prática de construção de uma literatura adolescente universal. Com isso, podemos dizer que os lugares e espaços da literatura infantojuvenil também devem ser variados e diversos, oferecendo múltiplas possibilidades de leitura. As imagens de Diogo Medeiros estão acompanhadas por um laranja vibrante e dão equilíbrio, calor e conforto à leitura, pontuam os acontecimentos e transmitem uma sensação de movimento à medida que avançam de uma página para outra.

André Neves



Realizado pelo **Serviço Social do Comércio em Santa Catarina**, o **Prêmio Literário Sesc Criança** tem como objetivo valorizar a criação literária catarinense dedicada ao público infantil e juvenil, além de ampliar o acesso ao livro e contribuir para a formação de leitores. O edital é aberto para inscrição de textos inéditos e de tema livre, com duas categorias a partir de 2024: infantil e juvenil. As narrativas vencedoras são editadas e publicadas pelo Sesc-SC para distribuição gratuita às bibliotecas e instituições de cultura e educação.

LIVROS PUBLICADOS:

- Infantil 2022 - “O rio”, de Pedro Cunha, ilustrações de Flávia Arruda.
- Infantil 2023 - “A voz dos meus olhos”, de Cynthia Valente, ilustrações de Fernando Zenshô
- Infantil 2024 - “A girafa míope”, de Marcello Gallotti, ilustrações de Fê.
- Infantil 2025 - “João Menino”, de Inara Moraes, ilustrações de Elma.
- Juvenil 2025 - “A queda de Ícaro”, de Bruno Ricardo Gessner, ilustrações de Diogo Medeiros.
- Menção honrosa 2025 - “As aventuras de Pinto Júnior” de Arthur Crespi Castro e ilustrações de Lemmmas.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610)

A edição deste livro respeita o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Coordenação editorial: André Soltau e Gika Voigt
Comissão editorial Sesc SC: Marilaine Hahn e Valdemir Klamt

Revisão: Kátia Nascimento

Projeto gráfico e diagramação: Aline Assumpção

Criação e design do jogo infância anos 80/90: Aline Assumpção

Criação do jogo de cartas: Gika Voigt e André Soltau

Design do jogo de cartas: Aline Assumpção

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Marilaine Hahn - Bibliotecária - CRB 14/1265

G392a Gessner, Bruno Ricardo
A queda de Ícaro / Bruno Ricardo Gessner ; ilustrações de Diogo Medeiros - Florianópolis: Sesc/SC, 2025.
56 p.: il. color.

ISBN: 978-65-87411-12-5

1. Literatura juvenil. I. Medeiros, Diogo. II. Título.

CDD 028.5

1ª edição

1ª impressão (2025): 3.000 exemplares.
Todos os direitos desta edição reservados ao Sesc/SC

Editora Sesc/SC

Sesc Serviço Social do Comércio
Departamento Regional
de Santa Catarina
R. Felipe Schmidt, 785 - Centro,
Florianópolis - SC, 88010-002



Uma armadilha invisível, uma fuga de bicicleta, uma floresta misteriosa e um segredo grande demais para se guardar. Entre figurinhas, risos e pesadelos, nasce uma história assustadora.

Que tal encarar *A Queda de Ícaro* para descobrir o que aconteceu quando o tempo quase parou?

Sesc Fecomércio
Senac

ISBN: 978-65-87411-12-5

